

Foguetes e OVNIs

• Anda cheio de objetos voadores não-identificados o espaço aéreo de Brasília. A possível candidatura Pedro Malan à Presidência é um deles. Ninguém sabe exatamente como surgiu nem para onde vai, apesar das fortes suspeitas de que o balão tenha sido lançado nas cercanias do Planalto. Mas se está no ar — como vem mostrando a inusitada desenvoltura do ministro — é por alguma razão.

Fernando Henrique e os tucanos do Planalto têm uma data acertada para começar a cuidar a sério de sucessão presidencial: abril de 2001. Por essa época, dizem interlocutores do presidente, o candidato governista terá de estar pelo menos informalmente escolhido para que se comece a trabalhar por ele.

Mas ninguém vai ficar parado até lá. Nesse meio tempo, a estratégia é lançar os foguetes e observar qual deles alcança maior altura.

Dizem que o pavio do foguete-Malan foi acendido pelo próprio Fernando Henrique. E despertou curiosidade: por que alguém que já tem José Serra, Mário Covas, Paulo Renato e Tasso Jereissati (com exceção do ministro da Educação, todos políticos testados nas urnas) iria querer o ministro da Fazenda na lista?

Simples: Malan é o poste de Fernando Henrique. Os outros candidatos em potencial, tucanos ou não, têm luz própria, personalidade forte e trajetória política independente. Uma vez eleitos, tirariam logo as vestes de criatura para dar as costas ao criador — mais ou menos como FH e Itamar Franco. Eleger Malan, porém, seria uma espécie de consagração, uma homenagem a si mesmo e, em especial, uma perspectiva de continuar a ter papel importante no cenário.

Por isso, Malan anda em fase de testes. Semana passada, recebeu discretos aplausos governistas ao rebater as críticas de Luiz Inácio Lula da Silva ao salário mínimo, afirmando que o Brasil não é para principiantes. Para muita gente, pode ter sido uma prévia dos debates da campanha.

O ministro agradeceu ao Planalto também quando condenou o “voluntarismo” que vem tomando conta da discussão — recado a Antônio Carlos Magalhães.

Nessa linha, há quem diga que Malan vem sendo, há muito, o mais político dos não-políticos, como mostra o bem-sucedido malabarismo que o mantém no cargo até hoje. Mudou a política cambial como quem troca de roupa, escapou dos tiroteios tucanos, ganhou e perdeu o apoio do PFL, conquistou as graças do PMDB e ainda acaba virando desenvolvimentista. Não é bem a trajetória de um técnico sem ambições.

O problema, porém, é que — ainda bem — nem tudo pode ser engendrado nas plataformas de lançamento de Brasília, por mais claro e limpo que seja o céu da cidade. Alguém já imaginou Malan num palanque? O principal, em se tratando de eleição, é que não dá para combinar nada com o adversário. Que, geralmente, é quem vota. De nada adiantará o entusiasmo do Planalto com a candidatura Malan ou qualquer outra se, até 2002, o Governo não resgatar a popularidade.

E a última fornada de pesquisas vem mostrando que ainda está longe disso. Os índices de FH pararam de despencar e estão até melhorando, mas 73,6% das pessoas ainda reprovam a falta de sensibilidade social do presidente, segundo pesquisa Isto É/Brasmarket publicada neste fim de semana. É o quesito no qual o presidente se sai pior, o tendão de Aquiles de seu Governo, consequência direta da política econômica arrochada. E conduzida por quem? Pedro Malan.